

A constituição subjetiva do adolescente e o ato transgressor

The subjective constitution of the adolescent and the transgressor act

Gabriella Silveira Carvalho, Eloy San Carlo Maximo Sampaio, Altair José dos Santos

Resumo

A demarcação da adolescência é uma concepção advinda da Modernidade. A compreensão desse período é um desafio para a sociedade e complica-se quando entra em cena o conflito com a lei. Diante disso, o presente trabalho investiga a relação entre os processos de subjetivação do adolescente e o ato transgressor. Pretende-se compreender a partir da perspectiva psicanalítica como alterações na constituição subjetiva do adolescente, marcada pelo narcisismo e as identificações, podem levar à transgressão. O procedimento metodológico utilizado para estudo foi o qualitativo, fundamentado em pesquisa bibliográfica. A investigação conceitual é de suma importância, uma vez que, a clareza teórica é essencial para qualquer intervenção clínica. A partir do estudo, constatou-se que as identificações são um importante elemento formador da constituição subjetiva desse sujeito, formada no círculo social. Além disso, uma falha na introjeção da Lei simbólica no decorrer do transcurso narcísico pode gerar reações violentas e recusa da autoridade.

Palavras-chave

Adolescente, Subjetividade, Ato transgressor, Psicanálise, Identificação.

Abstract

The adolescence demarcation is a conception derived from modernity. The comprehension of this period is a challenge for society and complicates when the conflict with the law comes in. Therefore, the present work investigates the relation between the processes of subjectivation of the adolescent and the transgressor act. It is intended to understand from the psychoanalytic perspective how alterations in the adolescent's subjective constitution, marked by narcissism and identifications, can lead to transgression. The methodological procedure used for the study was qualitative, based on bibliographic research. The conceptual investigation is of summary importance, since theoretical clarity is essential for any clinical intervention. From the study, it was verified that the identifications are an important formative element of the subjective constitution of this subject, formed in the social circle. Moreover, a failed introjection of the symbolic Law in the course of the narcissism can generate violent reactions and refusal of authority.

Keywords

Adolescent, Subjectivity, Transgressor act, Psychoanalysis, Identification.

Gabriella Silveira Carvalho

Universidade Federal de Goiás

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), integrante do projeto de extensão "Adolescência e Subjetividade", pesquisadora no Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão do Adolescente (CEPEA).

gabriellasilv.carvalho@gmail.com

Eloy San Carlo Maximo Sampaio

Universidade Federal do Tocantins

Professor do Departamento de Psicologia da UFT. Pesquisador ligado ao grupo "Psicanálise e Saúde Mental" (UFT).

eloy sancarlo@yahoo.com.br

Altair José dos Santos

Universidade Federal de Goiás

Professor da Faculdade de Educação da UFG Pesquisador ligado ao Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão do Adolescente (CEPEA).

altairjsantos@gmail.com

Introdução

A demarcação de fases específicas do ciclo de vida é um advento da Modernidade, evidenciado sobretudo a partir da escolarização, do desenvolvimento da ciência e constituição da família nuclear burguesa, que prolongaram a permanência do jovem sob a tutela parental. Surge então nesse contexto a noção de adolescência como uma espécie de infância continuada e anterior a uma passagem para a vida adulta. Aliado a essa transição, perspectivas privatistas e individualistas em consonância com o projeto científico da época, conferiram a esse sujeito responsabilidade pelo seu destino e inserção na sociedade (COUTINHO, 2009).

Partindo para uma compreensão à luz da teoria psicanalítica, a adolescência é concebida como um período marcado sobretudo por identificações que são a base da formação psíquica do sujeito. Na infância, as figuras parentais constituem um parâmetro de identificação, a substituição dessas figuras por novos laços sociais que serão referência, é uma das manifestações subjetivas do processo de transição para a vida adulta (SANTOS, 2014). Esse processo aparece por vezes atrelado à formulação de Sigmund Freud acerca do Narcisismo, outro elemento fundamental para o entendimento dos processos de subjetivação.

Compreender essa fase é um desafio para as diversas esferas da sociedade envolvidas de forma direta ou indireta com a adolescência e complica-se quando entra em cena a transgressão e o conflito com a lei, que são respondidos a partir de medidas socioeducativas. Diante disso, a partir de uma perspectiva psicanalítica o presente trabalho investiga a relação entre os processos de subjetivação do adolescente e o ato transgressor, com ênfase nas formulações freudianas sobre o narcisismo e a identificação.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, justificada por ser a mais adequada ao que foi aqui proposto a partir da possibilidade de melhor apreensão de todas as facetas do processo de subjetivação do adolescente pela ótica psicanalítica. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são elementos básicos no processo de pesquisa qualitativa, em detrimento do uso de métodos e técnicas estatísticas.

A investigação é nível exploratório-descritivo, propondo esclarecer e aproximar-se da questão da subjetivação adolescente a partir das formulações acerca do narcisismo e identificações, estabelecendo relação com a prática de atos transgressores. Como pontua Gil (1999), esse tipo de objetivo na pesquisa propõe desenvolver conceitos e ideias para um aprofundamento em assuntos geralmente pouco explorados e, além disso, determinar a relação das variáveis averiguadas.

Quanto ao delineamento, foi escolhida a pesquisa bibliográfica atentando-se principalmente às contribuições de Sigmund Freud a respeito do assunto, visto que, o autor é precursor na conceituação de narcisismo da forma abordada nesse artigo. Gil (1999) aponta como a principal vantagem desse gênero de investigação a possibilidade de cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla em comparação a uma pesquisa direta, relação essa explícita pelo objeto de estudo aqui elegido.

Para tanto, inicialmente realizou-se um levantamento bibliográfico com revisão de literatura psicanalítica a fim de encontrar os artigos, livros e teses que melhor se adequassem à discussão e estudo a respeito dos processos de subjetivação do adolescente a partir do enfoque escolhido. A pesquisa foi executada a partir das seguintes temáticas: psicanálise,

adolescência, narcisismo, identificação e ato transgressor. O levantamento foi realizado através das seguintes plataformas: CAPES, Scielo (Scientific Electronic Library Online), Pepsic (Periódicos eletrônicos em Psicologia) e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), além dos livros considerados mais pertinentes. Após o levantamento empreendeu-se uma análise do material coletado, baseado nos objetivos estabelecidos.

A pesquisa foi executada exclusivamente através de levantamento bibliográfico, sendo assim os procedimentos realizados foram pesquisa na biblioteca da Universidade Federal de Goiás e a posterior análise e correlação do conteúdo encontrado.

A adolescência e a psicanálise: a questão da identificação

A compreensão desse momento de vida é um grande desafio e foi palco de diversas discussões ao longo dos anos. Sigmund Freud, precursor da psicanálise, em 1905 publicou pela primeira vez sua polêmica obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, na qual quebrou com o tabu de uma infância assexuada e escandalizou a sociedade da época. Essa noção foi fundamental para uma maior clareza a respeito da adolescência, visto que, as características e os desdobramentos da sexualidade infantil são primordiais para o desenvolvimento do ser humano.

No presente artigo, a adolescência será abordada sob a ótica das identificações e do narcisismo. De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 363), a identificação pode ser pensada como “termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam”.

Esse é um conceito fundamental para a compreensão do desenvolvimento psicosexual, porém, foi construído com o tempo. Cabe aqui ressaltar algumas conjecturas realizadas por Freud, sendo que essa formulação na obra *À guisa de introdução ao Narcisismo*, será abordada de forma mais específica posteriormente.

Inicialmente, o termo identificação foi apresentado de forma descritiva em uma correspondência de Freud destinada a Wilhelm Fliess, datada de 8 de fevereiro de 1897, sendo nesse momento contemplado como o desejo de ser ou agir como alguém. Esse assunto foi abordado em um breve trecho da carta:

O sonambulismo, como conjecturamos em Dresden, foi corretamente entendido. O resultado mais recente é o desvendamento dos ataques histéricos de catalepsia: imitação da morte com rigor mortis, ou seja, identificação com alguém que morreu. Nos casos em que a histérica viu a pessoa morta, aparecem o olhar fixo e a boca aberta; caso contrário, ela apenas permanece deitada, imóvel e silenciosa (MASSON, 1986, p. 231).

Posteriormente em *A interpretação dos sonhos*, essa questão aparece novamente. Freud (1969 [1900]) propõe que os sonhos se apresentam como estruturas psíquicas dotadas de significados encobertos por diversos elementos, além de serem também modos de realização de desejos. No quarto capítulo da obra supracitada a noção de identificação, explicitada através da narração de um sonho, aparece diversas vezes relacionada ao mecanismo de distorção onírica. Nesse momento, é exposto que “o sonho adquirirá nova interpretação se supusermos que a pessoa nele indicada não

era ela mesma, e sim a amiga: que ela se colocara no lugar da amiga, ou, como poderíamos dizer, que se ‘identificara’ com a amiga” (FREUD, 1969 [1900], p.183). É colocada em questão uma identificação histórica que permite o encobrimento de um desejo realizado no sonho.

Em 1917, Freud aborda esse item em sua obra *Luto e Melancolia*, contudo, é necessário primeiramente estabelecer a diferença entre os dois. O luto é a reação a uma perda de um ente querido ou a abstração dele, envolve um afastamento das condições normais de vida, porém não de maneira patológica, visto que é comum e superado após certo tempo. A melancolia por sua vez compreende uma perda objetual retirada da consciência e podendo ser assim como no luto a reação à perda de um objeto amado, todavia, diferentemente dele a melancolia é inconsciente. Ocupando-se agora da identificação, no caso do melancólico, em determinado momento ocorre uma ligação libidinal a uma pessoa particular, porém, devido a determinados fatores essa relação foi destruída. Diferentemente de um resultado normal no qual a libido seria retirada de um objeto e deslocada para outro, aqui ela ficou retirada no ego e serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado (FREUD, 1974 [1917]).

Já em 1921, a identificação aparece no livro *Psicologia das massas e análise do eu* definida a partir de três distintas fontes. Na primeira como a manifestação mais remota de um laço emocional com outra pessoa, antecessora da estruturação do complexo de Édipo. Na segunda, através da regressão ela se torna a substituta de uma ligação objetual libidinosa, pela via da introjeção do objeto no Eu. Na terceira, ela pode surgir a partir da percepção de qualquer traço em comum com alguém, sem necessariamente ser objeto dos instintos sexuais. Outrossim, por se tratar de um escrito que propõe a análise do homem em grupo, a principal articulação diz respeito aos indivíduos em multidão, caracterizados por colocar o mesmo objeto no lugar do seu ideal de eu e conseqüentemente se identificarem uns com os outros. Assim, o laço efetivo é disposto pelo investimento no objeto e a identificação entre aqueles que compartilham esse investimento (FREUD, 2011 [1921]).

No trabalho *O Eu e o Id* de 1923, Freud (2011 [1923]) pontua que a identificação é crucial na constituição do caráter do Eu. Na primitiva fase oral, investimento objetual e identificação parecem não se diferenciar, então o Eu, nesse momento ainda frágil, toma conhecimento de tais investimentos e aprova-os ou afasta-os pela via da repressão. Se determinados objetos devem ser abandonados, geralmente ocorrem modificações no Eu, como o estabelecimento de tal objeto nele, semelhante à identificação decorrente na melancolia. Dessa forma, o caráter do Eu parece ser constituído pelos investimentos objetuais abandonados, que revelam a história por detrás das escolhas de objeto.

Esse é um conceito crucial na obra freudiana, permeando seus trabalhos desde os primeiros passos da psicanálise. Compreendê-lo em todas as suas facetas significa também assimilar o processo de constituição subjetiva do ser humano que se inicia no mais tenro período de vida e abrange do mesmo modo a adolescência, foco da pesquisa aqui realizada. Lesourd (2004) articula a respeito da identificação realizada pelos sujeitos através do conceito de ídolos, que em seu sentido originário seriam representações de divindades diante das quais os fiéis faziam oferendas e esperavam conquistar boas graças. Em seu significado mais estrito, deve ser compreendido como uma ilustração do poder do qual o sujeito participa quando o contempla e assim se identifica.

O que especifica a idolatria na adolescência é principalmente o fato de que os ídolos são encontrados em outros lugares distantes da imagem dos pais. Dessa forma, os jovens irão procurar parecer-se com esses ‘modelos sagrados’ através da identificação. Lesourd (2004) expõe a existência de

quatro principais moldes que variam de acordo com o momento histórico e suas diferentes apresentações e correspondem a uma identificação idealizada para o sujeito.

O primeiro modelo exposto é nomeado como “bomba sexual”. Aqui, o ícone é aquele que marca a sua época como o suprassumo da sexualidade que todos querem possuir, concomitantemente com o momento pelo o qual o adolescente está passando, no qual ele descobre novas relações com o seu próprio corpo e com os outros. O ídolo torna-se então símbolo do desejo e carrega consigo o projeto identificador de toda uma geração. Têm-se como exemplo Marilyn Monroe, sex-symbol de seu tempo, tornando-se uma figura notável e referenciada como expressão da sensualidade até os dias atuais (LESOURD, 2004).

O segundo modelo é conhecido como o do “irmão mais velho”, aquele que se expressa em nome do adolescente comum, o qual não pode transmitir ao mundo sua mensagem, suas dificuldades, infelicidades e revoltas. Atuando como uma espécie de porta-voz, através da sua influência é capaz de propagar para o mundo toda a incompreensão e rebeldia da juventude. Ele é um ídolo que exprime da melhor forma no seu tempo a desesperança e inquietação do jovem diante das injustas e antiquadas leis reguladoras dos indivíduos, expressando em voz alta o que os outros apenas pensam. Um grande exemplo responsável por marcar gerações, são bandas de rock como os Rolling Stones (LESOURD, 2004).

O terceiro modelo é o do “ganhador”, ele atua como um referencial para a procura do sucesso e integração social do adolescente. Tendo como um dos grandes referenciais figuras como Che Guevara, sua função é caracterizar aquele que vive seu desejo até o fim a despeito das consequências, sempre em busca do prêmio “máximo”, podendo ser até a morte. Esse ídolo não colocará em jogo e nem negociará seu desejo, independentemente do risco, tentando mantê-lo até o fim (LESOURD, 2004).

O último modelo seria o do “sábio” ou “mestre”. Essas duas emblemáticas figuras são conhecidas por possuírem respostas sobre o sentido da vida e ambos são exemplos para os atos e ações dos sujeitos, contanto que seus ensinamentos sejam seguidos ao pé da letra. Os representantes desses modelos foram diversos no decorrer da história, indo de Sócrates à Mao Tsé-Tung, entretanto, o real interesse do adolescente é a possibilidade de manter um discurso que dê sentido ao mundo a sua volta e à sua vida futura (LESOURD, 2004).

Como afirma Lesourd (2004), esse arquétipo explicitado anteriormente é o mais próximo dos modelos parentais ideais encontrados na infância. O mestre tal como os pais, guiará o sujeito em suas atitudes e possui uma posição e autoridade superior, assim ele mantém ativa a esperança infantil de acesso a uma futura potência, além de preservar esse indivíduo na disposição de dependência. Diante disso, esse ídolo representa a figura oculta do pai infância, que mostra o caminho, protege e simultaneamente estabelece interditos.

Esses quatro modelos de ídolos elucidados trazem consigo sua função psíquica fundamental para o estabelecimento da subjetividade adolescente: sair da referência familiar e constituir-se na referência social, processo abordado posteriormente nesse artigo. Individualmente, o que irá conferir valor social para a “bomba sexual”, o “irmão mais velho”, o “ganhador” e o “mestre” é o uso feito por aquele que os encarna, necessários como padrões personalizados para cada indivíduo. A partir dessa personalização se criará a forma das identificações sociais, que servirão de referência sobre como comportar-se em sociedade e nas relações com os outros (LESOURD, 2004).

É no reconhecimento mútuo entre os jovens que irá constituir-se entre aqueles que adoram a mesma figura um laço social de reconhecimento e identidade. Esses ídolos são indispensáveis principalmente pois através da

identificação possibilitada por meio deles, é criada grande parte dos laços sociais estabelecidos entre os adolescentes. Diante disso, para além das identificações individuais são criadas identificações coletivas, entre classes de idade e grupos de pertencimento que permitem aos sujeitos reconhecerem-se na mesma comunidade, mesmo mundo e até mesma identidade. Assim, fica explícita a dupla função dos ídolos: constituição psíquica dos jovens e do laço social (LESOURD, 2004).

Outrossim, vale ressaltar que os ídolos sempre foram figuras propostas a seus adoradores. Pensando a respeito de seu sentido originário, inicialmente era função dos religiosos e dirigentes do povo propor à sociedade quais deveriam ser as imagens amadas e tomadas como protótipos, modelos a se identificar. Transformações radicais ocorreram a esse estado, todavia, o fato de os ídolos surgirem do exterior daqueles que o tornarão um ideal e se situarem, em termos psicanalíticos, no campo do Outro, permanece intacto. A função primária dos ídolos é a identificação, sendo assim, ele é exterior ao sujeito que o admira, tal como os pais são exteriores aos filhos (LESOURD, 2004).

É evidente a circunstância da presença dos valores externos em todos os ídolos, permitindo inscrever a marca do Outro nessas figuras. Ele é considerado assim um símbolo tão forte de identificação para o adolescente, também pois ele é tomado em um modelo social mais amplo e abrangente que corresponde aos valores da sociedade dos adultos, a qual ele tanto almeja e irá futuramente inscrever-se. Dessa forma, ele pode ser assimilado por meio de uma combinação: de um lado como um modelo identificador de diferenciação daqueles que já passaram por essa fase, de outro como uma representação dos valores preponderantes do corpo social naquele momento, que regem os sujeitos inseridos nesse sistema, o mesmo sistema no qual inscrevem-se os adultos (LESOURD, 2004). Essas constatações tornam-se aparentes através de rápidas análises, por exemplo, nas típicas revistas adolescentes que bombardeiam e trazem como padrão de beleza a ser seguido modelos comumente encontrados na comunidade, impondo à juventude referências que fazem alusão àquilo no qual o corpo social espera encontrar nesse sujeito futuramente.

Além disso, é recorrente o discurso proferido pela sociedade a respeito dos ídolos atuais possuírem características como ausência de solidariedade e individualismo exacerbado, assim como demonstrações de tomada de prazer imediato que poderiam influenciar negativamente os jovens. Representação trivial e presente no imaginário social, esconde a notável capacidade dos ídolos em se adequarem não aos valores morais explicitamente pronunciados através do discurso vigente na sociedade, mas sim àqueles que na realidade refletem os verdadeiros e acentuados valores inconscientes dos adultos que constroem os laços sociais (LESOURD, 2004).

Ademais, é necessário pontuar que os ídolos também podem representar certo perigo para os adolescentes. Considerando-se que os sujeitos apoiam-se em figuras impostas externamente a eles pela geração precedente, não existe uma garantia de valor ético ou moral. É inegável a importância dos ídolos para a construção de uma identidade no jovem, contudo, eles também podem levar à alienação se nenhuma distância for tomada e os efeitos dessa alienação são notáveis em seitas e jovens violentos. A ascensão do nazismo tornou cognoscível a repercussão devastadora da identificação maciça com um mestre de pensamento (LESOURD, 2004).

O 'prisma' da identificação pode ainda ser analisado através da passagem da infância para a adolescência. É necessária a transição do círculo familiar para o círculo social, uma vez que, o objeto de amor primário incestuoso deve ser abandonado e novas escolhas objetais realizadas, todavia, essa tarefa não é fácil, pois ultrapassar a autoridade parental coloca o Eu desse sujeito em embate direto com o Supereu. Está

em curso uma puberdade na realidade objetiva, repercutindo nos diversos âmbitos na vida desse adolescente e requerendo uma subjetivação (SANTOS, 2014).

Ponderando-se a respeito do adolescente e sua introdução no círculo social, é apresentado a ele como possibilidade pensar fora dos modelos identificatórios da infância, isto é, além dos padrões apresentados pelos seus familiares como exemplos a serem seguidos, sejam eles morais, comportamentais, entre outros. O código moral dos seus pais não se adequa a esse mundo novo que ele está conhecendo e se inserindo, uma vez que, esse ambiente agora é diferente do que era anos atrás, assim como a vivência dos atuais adolescentes. Dessa forma, as figuras parentais tomadas como referência até então, ficam em segundo plano permitindo a esse jovem se identificar com outras representações e delas assimilar aspectos que irão compor sua subjetividade (SANTOS, 2014).

Outrossim, esses novos padrões estabelecidos influenciarão sua forma de viver e interagir com o mundo, seus valores serão agora mais fortemente moldados pelos elementos que o circulam na sociedade. Isso ocorre, pois, do ponto de vista libidinal após um período de latência, uma série de investimentos são direcionados para além daqueles anteriormente concentrados no círculo familiar, outras pessoas serão alvo do amor e admiração desse adolescente. Além disso, o conflito decorrente das manifestações do desejo e a autoridade dos pais exige do sujeito uma relativização dos ideais parentais para a construção de uma subjetividade capaz de apreender e internalizar a realidade em dissidência (SANTOS, 2014).

Os referenciais nesse momento serão diversos, como por exemplo, professores e amigos geralmente mais velhos, que moldarão sua forma de viver. Contudo, outras imagens como a de traficantes, criminosos, ou até mesmo amigos violentos podem ser utilizadas como parâmetros para a identificação e influenciar esse adolescente em sua interação com o mundo de maneira agressiva. Além disso, esse processo é acentuado frente a uma fase da vida que possui uma relação de ambivalência com a autoridade parental e a necessidade de realização imediata de desejos, imposta pela sociedade (SANTOS, 2014).

A questão do narcisismo

Outro importante ponto para a compreensão da formação subjetiva é o narcisismo. Conforme Freud afirmou em seu texto *Sobre o narcisismo*: uma introdução, o termo foi escolhido por Näcké a fim de caracterizar o comportamento do indivíduo que tratava a seu próprio corpo como um objeto sexual, adquirindo sentido de uma perversão. Entretanto, de acordo com Roudinesco e Plon (1998), a primeira referência sob uma perspectiva psicopatológica foi feita por Alfred Binet em 1888, no qual é levantada a hipótese de que objetos-fetiches poderiam esconder uma relação com o próprio corpo. Posteriormente em 1898, Havelock Ellis cunha a expressão *Narcissus-like tendency* (tendência a ser como Narciso) para referir-se ao sujeito que adota de forma extrema a conduta auto erótica excluindo terceiros de seu processo de excitação e descarga sexual. Apenas em 1899, Paul Näcké fazendo alusão às conjecturas de Ellis cria o termo e o define da maneira citada por Freud.

Dessa forma, a expressão ficou consolidada na psiquiatria associada à perversão, todavia, Freud (1974 [1914]) se opõe à visão regente apoiando-se em argumentos que associavam o fenômeno a outras manifestações, como era o caso da homossexualidade, e sobretudo defendendo a sua relevância para o desenvolvimento sexual normal do ser humano. Seu estudo evidenciou-se a partir da tentativa de compreender os esquizofrênicos, nomeados em 1914 como parafrênicos, caracterizados pelo delírio

de grandeza e o desligamento total do interesse pelo mundo exterior, de forma que sua libido é retirada das coisas, sem ocorrer a substituição da mesma na fantasia. Dessa maneira, essa energia sexual anteriormente depositada nos objetos é redirecionada ao Eu, em um comportamento conhecido como narcisismo (FREUD, 1974 [1914]).

É relevante inicialmente assinalar a diferença entre a libido do Eu e a libido objetal. Aqui elas coexistem, contudo, a libido do Eu, de maneira antagônica à segunda destinada a investimento nos objetos do mundo exterior, é destituída de energia sexual. Posto isso, é possível aproximar-se das noções de narcisismo primário e secundário. No primeiro os objetos para o qual a pulsão se orienta estão no próprio corpo e compreende os momentos iniciais de vida do ser humano, no qual o Eu ainda não está completamente formado. No segundo a libido objetal que é direcionada ao mundo externo retorna secundariamente ao sujeito e toma o Eu como objeto, dessa forma, a imagem do Eu é formada pelas identificações do Eu com as imagens do objeto (FREUD, 1974 [1914]).

Prosseguindo nos estudos, Freud (1974 [1914]) postula que o narcisismo primário é de difícil apreensão através da observação direta. Os pais atribuem à criança tamanho primor e totalidade, demonstrando uma reprodução e renascimento do narcisismo deles mesmos através de uma supervalorização, ocorrência nomeada pelo autor como “His majesty, the Baby”. Esse narcisismo está exposto a perturbações, sendo a principal delas o complexo de castração.

Derivados do processo narcísico, temos as noções de Eu-Ideal e o Ideal do Eu. Na infância, existe um Eu-ideal constituído de perfeição e completude, aspectos os quais o ser humano não é capaz de renunciar, frente a uma satisfação impossível na vida adulta. Sendo assim, ele tentará sempre recuperar esse estado sob a forma de um Ideal-de-Eu, projetando para si próprio um modelo de perfeição como tentativa de recuperar o narcisismo perdido na infância, um período em que ele era seu próprio ideal. Além disso, o Ideal-de-Eu é formado também pela “consciência moral” e a influência daqueles que transmitiram valores, sendo uma soma de elementos parentais e da sociedade (FREUD, 1974 [1914]).

Algumas considerações devem ainda ser tecidas. O desenvolvimento do Eu ocorre através de um distanciamento do narcisismo primário, rumo a um narcisismo secundário, produzindo no sujeito o desejo de recuperar toda a perfeição e completude vivida outrora nesse período inicial de vida. Esse afastamento ocorre através de um deslocamento libidinal rumo a um Ideal-de-Eu imposto externamente, a satisfação é obtida pela realização desse ideal. Simultaneamente, o Eu é empobrecido graças a investimentos libidinais direcionados aos objetos e em favor do Ideal-de-Eu e se recuperará por intermédio das satisfações proporcionadas pelos objetos e a realização do ideal (FREUD, 1974 [1914]).

Portanto, as instâncias narcísicas possuem notável contribuição no processo de construção subjetiva do ser humano até a chegada na adolescência. Relacionado à questão da identificação, a formação narcísica é crucial na constituição subjetiva. Desse processo temos derivado as noções de Eu Ideal e o Ideal do Eu. Configura-se como principal diferença entre eles o complexo de castração, que atravessa o Eu Ideal e permite a passagem para o Ideal do Eu, formado também por identificações com a imago paterna, e para o narcisismo secundário. Nesse ponto, a Lei simbólica é introjetada e o narcisismo transformado. Todavia, o que se constata na atualidade é a derrocada da autoridade no nível do Ideal do Eu, modificando a posição do sujeito perante a lei e ocasionando em um “desbussolamento” na procura pela satisfação pulsional, podendo gerar reações violentas e uma recusa da autoridade (QUINTELLA, 2014).

Além disso, como afirma Lesourd (2004) atualmente é apresentado ao jovem um acesso à sexualidade resolvido a partir de um deslocamento aos objetos de consumo e conforto, reduzindo a dimensão simbólica da sexualidade ao imaginário da completude. Quando são os objetos materiais responsáveis por preencher a completude imaginária do sujeito, os caminhos para a delinquência abrem-se, devido a leis mercadológicas que impõem o encontro com o gozo em bens consumíveis, artefatos de satisfação do desejo. Posto que, esse sujeito não chega ao mundo formado e irá assimilar ao longo dos anos os mais diversos elementos que o constituirão, a internalização de valores, normas, entre outros, também é posterior e integrante desse processo. Adiante, será abordado mais especificamente a questão do ato transgressor.

O ato transgressor e a psicanálise

O presente artigo irá pautar as noções de lei e ato transgressor a partir dos parâmetros estabelecidos pelo ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse instrumento representa uma grande conquista em prol da garantia dos direitos humanos desse grupo societário, que necessita de apoio e amparo legal para uma existência íntegra no corpo social.

Atualmente o ECA, é o conjunto de normas responsável pela proteção desses indivíduos no Brasil. Guiando-se especificamente através do tema aqui abordado, os artigos 103 ao 105 desse documento dizem respeito à prática de ato infracional, descrito como a conduta de crime ou contravenção penal, baseado no código de leis brasileiras. Além disso, pontua-se que os menores de dezoito anos são penalmente imputáveis e sujeitos às disposições previstas nesta lei, podendo ser elas as medidas socioeducativas (BRASIL, 2017 [1990]).

De acordo com o Estatuto, verificada a prática do ato transgressor, o adolescente estará suscetível à aplicação das medidas, sendo a mais branda a advertência até a internação em estabelecimento educacional, considerada a mais acentuada. A internação constitui-se como privativa de liberdade e só deverá ser aplicada mediante um ato infracional de grave ameaça, violência à pessoa ou descumprimento de medida anterior. Vale ressaltar que, o ECA prevê o embargo da internação na existência de outra providência mais adequada e a proibição de uma “pena” superior a três anos (BRASIL, 2017 [1990]).

Partindo para um entendimento sob um enfoque psicanalítico, a obra *Totem e Tabu* (2012 [1913]) é essencial para uma melhor compreensão a respeito da questão da violência e o surgimento da Lei. Esse texto apresenta a conjectura do autor a respeito do surgimento da cultura e civilização. O fundamento da argumentação é sustentado a partir do horror às relações incestuosas, tabu e princípio moral desde os mais rústicos aborígenes da Austrália, elegidos para a análise por serem considerados mais distantes dos padrões civilizatórios, e da substituição das instituições religiosas nessas tribos pelo sistema totêmico, geralmente representado por um animal que não pode ser morto ou ingerido, tornando-se sagrado para aquele povo (FREUD, 2012 [1913]).

Na referida obra, Freud (2012 [1913]), apresenta uma horda primitiva comandada por um macho tirânico e poderoso, detentor de todas as fêmeas e senhor das terras, ante um bando de irmãos iguais. Todavia, esses sujeitos ‘inferiores’ rebelaram-se e uniram-se para a realização de um crime, condenando o déspota a morte e consumindo sua carne no decorrer de um ritual canibalesco, assim, cada um dos irmãos pôde se apropriar e realizar uma identificação com o pai da horda. Contudo, imediatamente a união se dissipou frente a uma obstinada rivalidade ao se apossarem das fêmeas, pois a exemplo do pai queriam individualmente possuir todas, além do

surgimento de um grande vazio frente a constatação da impossibilidade de ocupação do lugar anteriormente ocupado pelo chefe. Diante disso, a culpa e o arrependimento pelo assassinato imperam sob os irmãos. Assim, algumas imposições foram necessárias para a preservação e perpetuação da vida em grupo. Nesse momento o interdito do incesto, fundamento da sociedade, é instaurado e os machos renunciam da posse das cobiçadas fêmeas para que possam viver juntos.

Sendo assim, o surgimento da cultura está associado ao confronto entre o chefe e seus súditos e o posterior estabelecimento da Lei primeira: ninguém pode tudo e as leis deveriam ser norteadoras das condutas dos indivíduos. Desse modo, a partir do crime originário a Lei foi estabelecida e arquitetada, perante o reconhecimento mútuo dos irmãos baseado na força libidinal dos sentimentos de culpa e arrependimento (TEIXEIRA, 2002).

É interessante analisar o mito científico freudiano frente a uma temática como o conflito com a lei. A partir do exame de Totem e Tabu é possível apreender uma outra face da transgressão, na qual um ato de rebeldia de um determinado 'bando social' foi responsável pela revolução de uma condição imposta por um ditador que detinha o poder em detrimento de um grupo inferiorizado. Um gesto de violência foi responsável por fundar o sujeito, a cultura e o estabelecimento de uma ordem social regida por regras e leis, assim como diversos 'atos transgressores' no curso da história humana foram responsáveis por alterarem profundamente os rumos da civilização.

A 'tradição' e manutenção de valores não teriam movido o mundo diversas vezes entre as inúmeras fases pelas quais ele passou. Têm-se exemplo disso desde os mais longevos tempos da Grécia antiga, no qual Sócrates foi condenado sob acusações de subverter a juventude grega através de sua filosofia, que pregava princípios completamente opostos àqueles vigentes naquele momento, indo contra preceitos religiosos e políticos. Frente a uma sociedade que não conseguiu lidar com uma fagulha de inquietação e transformação de dogmas que estava sendo proposta, a condenação e conseqüente morte desse pensador foram inevitáveis.

Não muito diferente do ocorrido com Sócrates, o corpo social atualmente não possui tino ou preparação para lidar com aqueles adolescentes desviantes do curso esperado para o sujeito inserido nesse sistema. Sendo assim, respondem aos jovens transgressores com condenações, com medidas socioeducativas que afetam sua subjetividade e não aparentam compreender os processos que o constituem no laço social, cerceando de forma agressiva sua liberdade e capacidade de revolucionar e ir contra tradições.

Por conseguinte, aparenta emergir como necessária a reformulação do modelo socioeducativo vigente, o qual ao cercear a liberdade tão violentamente, afeta a subjetividade de um sujeito em processo de constituição psíquica. As questões do laço social, o contato com a Lei na contemporaneidade e a formação da subjetividade precisam ser considerados e estudados, pois são elementos fundamentais para a compreensão desse adolescente, que a partir das atuais medidas socioeducativas não possui sua singularidade respeitada.

Considerações Finais

A compreensão do ser humano e os processos através dos quais ele se constitui e interage em sociedade moveu diversos pensadores através dos tempos, especialmente na psicanálise. Com o advento da Modernidade e a definição da adolescência, um maior enfoque pôde ser dado a esse período

que tanto clama por subjetivação. Entretanto, uma aparente falta de ‘tato’ do corpo social como um todo em lidar com esses sujeitos é ainda agravada quando os adolescentes se manifestam de forma violenta.

Como citado no decorrer do texto, sob uma ótica psicanalítica essa é uma fase marcada por transformações nas mais diversas esferas da vida e principalmente pela necessidade de transição do círculo familiar para o círculo social. Uma vez inserido na interação com a sociedade, a identificação será inevitável para o adolescente e modificará sua percepção de mundo. Além dos processos identificatórios, as instâncias narcísicas que perpassam os sujeitos desde os seus primeiros momentos de vida, possuem grande influência na constituição subjetiva desses indivíduos, uma vez que, reações de violência e recusa da autoridade podem ser resultados desse processo. Ademais, fruto de uma sociedade guiada por leis mercadológicas, é imposto aos jovens continuamente a necessidade de satisfação imediata de desejos, a consequente impossibilidade de aprazimento agrava a situação exposta.

Em suma, uma “falha” no decorrer do processo de subjetivação do sujeito pode ocasionar violência e somado a busca pelo gozo imediato, característica acentuada da contemporaneidade, sugestiona o ato transgressor. Dessa forma, é evidenciada a importância dos processos de formação narcísica e identificação, visto que, pequenos desvios no transcurso “esperado” podem levar a consequências prejudiciais tanto no âmbito privado quanto no coletivo, frente a uma sociedade que não está preparada para lidar com essa situação e responde o ato transgressor através de medidas socioeducativas.

Portanto, é imprescindível o movimento de reflexão a respeito da subjetividade humana e a gama de processos atrelada a essa formação. É necessário debate e problematização, especialmente frente a sociedades como a brasileira que discutem fervorosamente a redução da maioridade penal, sem considerar todo o encadeamento, sobretudo intrínseco, envolvido nas situações infracionais tão fortemente rechaçadas, além dos resultados que algo tão severo como a privação de liberdade pode ocasionar na vida desses indivíduos.

Sobre o artigo

Recebido: 14/01/2019

Aceito: 20/02/2019

Referências bibliográficas

BRASIL. ECA (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2017, p. 58-62.

COUTINHO, L. G. Adolescência, cultura contemporânea e educação. **Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 14, n. 27, p. 134-149, dez. 2009.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (I) (1900). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. IV, p. 169-183.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 1974, p. 89-119.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 1974, p. 275-291.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1921). In: FREUD, S. **Obras Completas, v. 15**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 46-53.

FREUD, S. O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923). In: FREUD, S. **Obras Completas, v. 16**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 34-49.

FREUD, S. Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos (1913). In: FREUD, S. **Obras Completas, v. 11**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 17- 243.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LESOURD, S. **A construção adolescente no laço social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MASSON, M. J. 8 de Fevereiro de 1897 IX., Berggasse 19. In: FREUD, S. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887- 1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 231.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Nova Hamburgo: Feevale, 2013.

QUINTELLA, Rogerio. As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 284-296, ago. 2014.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, A. J. **A Identificação e o Adolescente Autor de Homicídio**. 2014. 205 f. Tese (Doutor em Psicologia Clínica e Cultura) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

TEIXEIRA, L. C. Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. **Psico- USF**. S [L]. v. 7, n.2, p. 195-200, dez/jul. 2002.